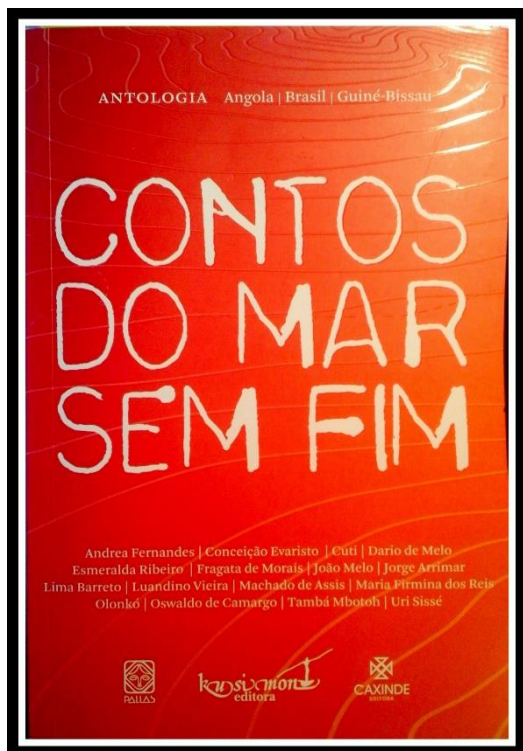


A emigração no tema – «Malfadada e os kimbandeiros», de Jorge Arrimar

Ana T. Rocha

Contos do mar sem fim é o título de uma antologia de contos de autores angolanos, brasileiros e guineenses, publicado pela Pallas (Brasil), Chá de Caxinde (Angola) e Ku Si Mon (Guiné-Bissau), no ano de 2010. Os autores angolanos antologados são Dario de Melo, Jorge Arrimar, Fragata de Moraes, João Melo e Luandino Vieira. Pelo tema, o Contracapa quis destacar um deles: Jorge Arrimar e o conto “Malfadada e os kimbandeiros”.



Lisboa – “nossa cidade afro-europeia”, como lhe chama J. J. Mouraria, personagem de *os vivos, o morto e o peixe frito* (2010), de Ondjaki – iria aparecer, cedo ou tarde, na literatura tal como a vemos surgir neste conto de Arrimar e no livro de Ondjaki. Ou seja, uma Lisboa que é a casa escolhida de africanos. Arrimar traz a temática da emigração e dos trânsitos para a literatura de uma forma bem-humorada. Malfadada, a personagem principal do conto em foco, leva no nome o inevitável destino que a vai trazer até Portugal em busca da ajuda de kimbandas. Estes, que no conto parecem ter desaparecido de Luanda, chegados a Lisboa traduzem “kimbanda” por imensos adjetivos, que lhes preenchem os cartões e cartazes publicitários - como “astrólogo”, “médium”, “professor” ou “cientista” - e encontram na capital portuguesa sucesso e prosperidade, deixando em Luanda as pessoas entregues aos seus males de negócios, amarração, “etcetera e tal” (p. 49): “- Não acho bem! Se vocês são tudo isso que tem nos vossos reclames, então estão aqui a fazer o quê? É uma traição nos africanos que estão com tantos maus-olhados e azares nas suas vidas por tratar” (p.50). Indignada e desconfiada desses kimbandeiros com consultório, Malfadada decide resolver o seu mau fado pela raiz: “Vou-lhe mudar pra Benfadada! Cadavez assim o novo nome me traz também um novo destino” (p.52).

Numa caricatura, que se pretende sempre e simultaneamente crítica e humorística, o curto conto de Arrimar, juntamente com o supracitado livro de Ondjaki, inauguram na literatura angolana a temática do africano em Lisboa. Por outro lado, na capital portuguesa há já, também, um grupo de jovens poetas que regularmente se encontram em lugares vários da cidade para partilharem os seus poemas, nos quais abordam “o que é ser afrodescendente em Lisboa”. Eles são “O clube dos poetas negros”, assim apresentados no jornal português *Público*, que a eles dedicou o suplemento “ípsilon”, em julho passado.